



## **Nota Técnica - Atualizações sobre o garimpo na Terra Indígena Yanomami e seus impactos na assistência à saúde no período da Emergência Sanitária**

20 de Janeiro de 2024

### **Contextualização**

O território Yanomami é a maior terra indígena do país e recebe uma operação emergencial para enfrentar o grave quadro de uma crise sanitária causada pelo avanço do garimpo ilegal e por anos de desestruturação do sistema de saúde local. Com a explosão da prática ilegal entre 2018 e 2022, a Terra Indígena Yanomami, demarcada e homologada em 1992, foi fortemente impactada e os povos Yanomami e Yek'wana tiveram sua saúde, economia e perspectiva de futuro comprometidas. Além da destruição da mata e dos rios, impactando diretamente a economia das famílias, que dependem de peixes, caça e de terra saudável para plantar, o garimpo também afeta diretamente a saúde das pessoas através da disseminação de doenças infectocontagiosas, do aumento da violência e da contaminação por mercúrio.

Para lidar com a crise sanitária, o governo federal recém-eleito declarou em 21 de janeiro estado de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) e iniciou uma série de operações e medidas com o objetivo de controlar a prática criminosa do garimpo na região. Passado um ano da emergência, porém, a despeito dos esforços já colocados pela administração federal, o caminho para a recuperação territorial e sanitária da TI Yanomami ainda é longo e muitos ajustes precisam ser feitos para recuperar um caminho de bem viver e prosperidade para as famílias indígenas.

### **A evolução do garimpo na TIY em 2023**

A área total impactada pelo garimpo na TI Yanomami cresceu cerca de 7% no ano de 2023, atingindo um total de 5432 hectares<sup>1</sup>. Este número representa uma desaceleração na taxa de crescimento da área degradada, em comparação com o avanço dos últimos anos, nos quais a taxa de incremento anual foram de 42% (2018-2019), 30% (2019-2020), 43% (2020-2021), 54% (2021-2022). Porém, este incremento revela também que a atividade ilegal continua operando com intensidade no território.

---

<sup>1</sup> A Hutukara, desde outubro de 2018, promove o monitoramento do garimpo ilegal na TI Yanomami por meio da interpretação de imagens de satélite de média e alta resolução. Neste sistema, batizado de Sistema de Monitoramento de Garimpo Ilegal (SMGI), especialistas em geoprocessamento analisam regularmente imagens dos satélites Sentinel 1 e 2, e da constelação Planet, mapeando quatro tipos principais de área degradada: 1) desmatamentos associados ao garimpo; 2) garimpos ativos no qual o solo aparece nu; 3) áreas recém abandonadas, que mostram um incipiente avanço da vegetação, essencialmente composta de gramíneas cobrindo cascalheiras; e 4) pequenas lagoas de rejeito.

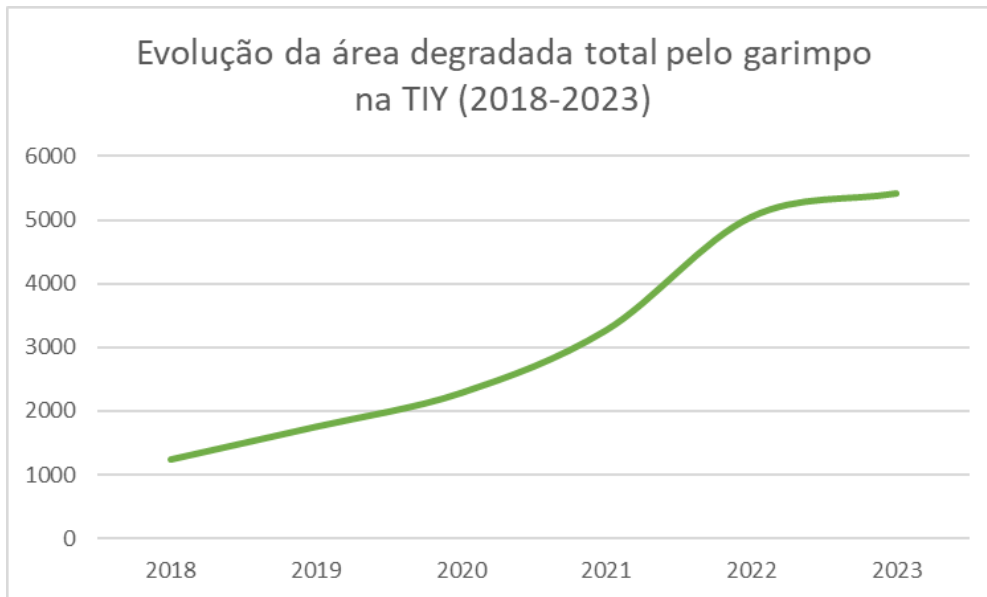
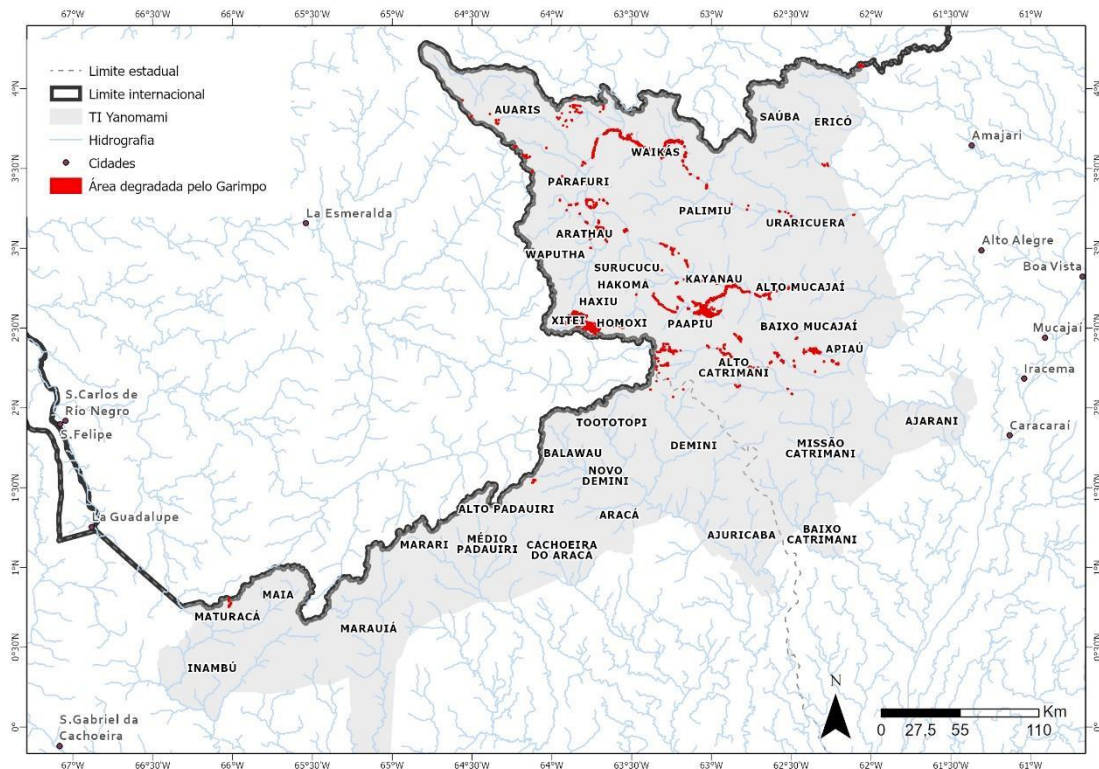


Gráfico 1: Evolução da área degradada total pelo garimpo na TIY. Fonte: SMGITIY (Hutukara Associação Yanomami)

Ao todo, são 21 regiões (de um total de 37) com registros de desmatamento associado ao garimpo (21): Alto Catrimani, Alto Mucajaí, Apiaú, Arathau (Parima), Auaris, Balawau, Demini, Ericó, Hakoma, Homoxi, Kayanau (Papiu), Maturacá, Missão Catrimani, Palimiu, Papiu (Maloca Papiu), Parafuri, Surucucus, Uraricoera, Waikás, Waputha, Xitei.



Mapa 1: Área degradada pelo garimpo na TIY. Fonte: SMGITIY (Hutukara Associação Yanomami).

Dessas regiões, o Sistema de Alertas da TI Yanomami<sup>2</sup> confirmou a presença garimpeira em pelo menos treze: Alto Catrimani, Alto Mucajaí, Apiaú, Auaris, Homoxi, Kayanau (Papiu), Maturacá, Missão Catrimani, Palimiu, Papiu (Maloca Papiu), Uraricoera, Waikás, e Xitei. Também registrou a presença de balsas não detectáveis por satélite no Baixo Catrimani.

Ao longo do ano houve importantes alterações na dinâmica do garimpo na TIY. Se no primeiro semestre, o conjunto de operações e medidas de controle de acesso ao território, contribuíram para a saída de boa parte dos invasores (estima-se que algo em torno de 70% a 80% do contingente de 2022), no segundo semestre, com o relaxamento das ações de repressão,

<sup>2</sup> O Sistema de Alertas 'Wãnorí' é uma ferramenta para recebimento, processamento e qualificação de denúncias, que visa fortalecer a capacidade de comunicação entre as comunidades da TIY, suas organizações indígenas e as autoridades governamentais competentes, na resposta de emergências sanitárias, ambientais ou territoriais. Por meio do aplicativo ODK Collect, uma pessoa devidamente capacitada registra em seu Smartphone um alerta off-line em um formulário próprio elaborado em quatro línguas indígenas, que inclui geolocalização e conteúdo de mídia sobre o relato (áudio, foto e/ou vídeo). Ao ter acesso à internet, o formulário é enviado para um servidor privado, onde pode ser acessado pela equipe técnica do Sistema em Boa Vista/RR. Posteriormente o alerta é traduzido por pesquisadores indígenas localizados na Central de Comunicação, instalada no Demini. As informações são traduzidas e qualificadas para a notificação dos órgãos públicos.

especialmente depois que as forças armadas assumiram um maior protagonismo nas operações<sup>3</sup>, observou-se a reativação e a intensificação da exploração em diversas zonas.

Um monitoramento realizado pelo Greenpeace Brasil, que produz alertas mensais de desmatamento associado ao garimpo<sup>4</sup>, também ajuda a explicar o comportamento do garimpo na TIY ao longo de 2023. Como pode ser observado no gráfico abaixo, os dados do Greenpeace demonstram que não só o garimpo se manteve ativo durante todo o ano, como após uma redução abrupta de alertas até julho, o número de áreas desmatadas voltou a crescer a partir de agosto.

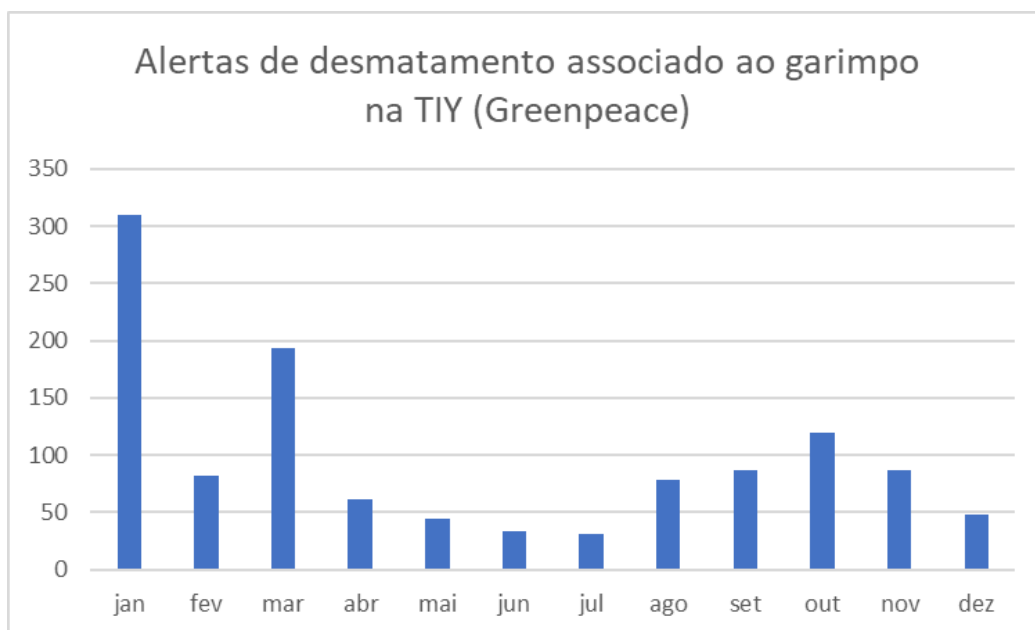


Gráfico 2: Alertas mensais de desmatamento associados ao garimpo na TI Yanomami, produzidos pelo Greenpeace Brasil.

De acordo com os dados do Greenpeace, a região mais devastada em 2023 foi a região do rio Couto de Magalhães, que totalizou, ao longo de todo o ano passado, 78 hectares destruídos por conta do garimpo. Em seguida, o rio Mucajaí, especialmente em seu trecho superior, que somou no ano passado 55 hectares devastados. A terceira região mais devastada do território em 2023 foi a área do rio Uraricoera, que registrou 32 hectares. Esta região teve uma enorme redução da atividade garimpeira e foi um dos focos de atuação das forças federais ano passado.

O conjunto das denúncias das comunidades indicam que nas zonas de garimpo ativo dois processos distintos ocorreram em 2023: 1) a resistência de alguns grupos, cuja atividade foi pouco ou nada impactada pelas operações das forças de segurança ao longo do ano; 2) o retorno

<sup>3</sup> <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/06/27/terra-indigena-yanomami-militares-tem-poderes-para-revisitar-e-prender-suspeitos-de-crimes-ambientais.ghtml>

<sup>4</sup> O levantamento é feito através da interpretação de imagens de satélites de 4,7 metros de resolução da Planet. Foram utilizados os mosaicos mensais e, em algumas situações, os diários, para identificação de novas áreas de desmatamento abertas pela atividade garimpeira



de grupos para zonas já exploradas, após a diminuição da regularidade e da efetividade das operações no segundo semestre<sup>5</sup>.

Entre as estratégias utilizadas pelos grupos criminosos para burlar a fiscalização, os relatos indicam: a) a mudança de alguns centros de distribuição da logística para focos de garimpo situados em território venezuelano (Alto Orinoco, Shimada Ocho, Alto Caura, Santa Elena); b) Uso de novas tecnologias de comunicação para antecipar operações<sup>6</sup>; c) fragmentação e descentralização dos canteiros; d) reativação de canteiros mais distantes dos grandes rios; e) operação no período noturno; f) resistência armada às operações de fiscalização<sup>7</sup>.

Sobre a mudança de centros de distribuição logística, nas imagens do mosaico Planet de julho de 2023 foi identificada, por exemplo, a abertura de uma nova pista clandestina na região, nas coordenadas -63,3477; 2,3507, distante 3 km do limite internacional e a pouco mais de 4 km de grandes cicatrizes de garimpo em território venezuelano. No país vizinho, nesta zona, também se observou a construção de uma nova pista de pouso de quase 500 m, que era inexistente até março de 2023.

Segundo informações de terreno, o garimpo ilegal no Alto Orinoco tem se intensificando desde o início das operações em 2023, e parte de sua logística é operada no Brasil, em articulação com o garimpo do Alto Catrimani, Homoxi, Xitei, entre outros.

---

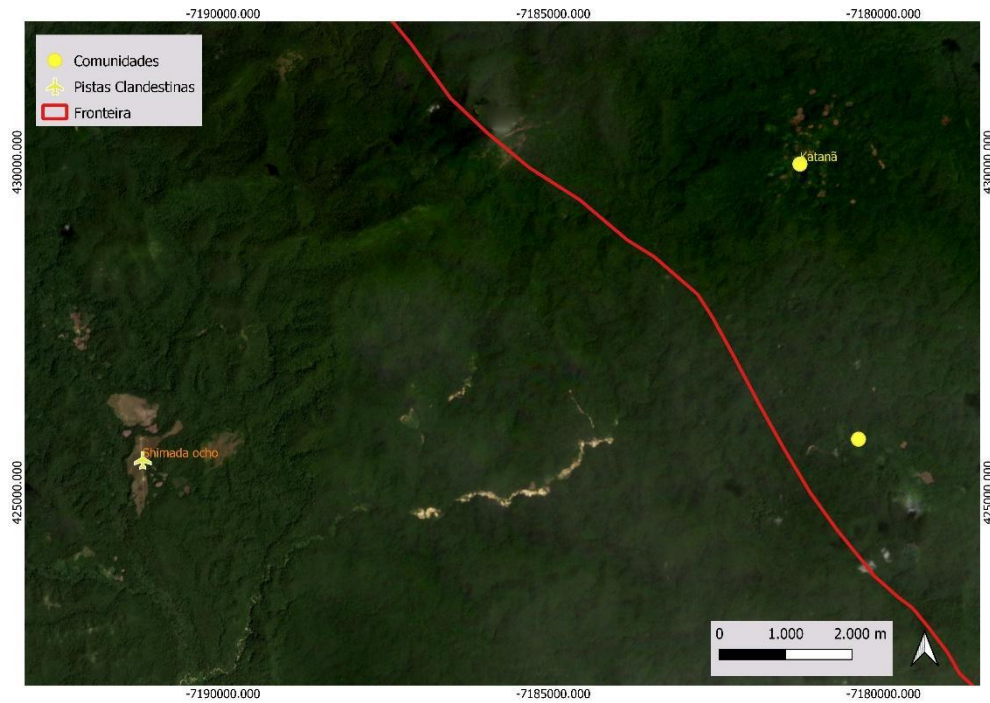
<sup>5</sup> <https://www.google.com/url?q=https://amazoniareal.com.br/garimpeiros-voltam-ti-yanomami/&sa=D&source=docs&ust=1705586097177048&usg=AOvVaw2hShadCMDPrjmskJWgQjlu>

<sup>6</sup> <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2023/12/09/garimpeiros-voltam-a-operar-e-tem-ate-internet-via-satelite-em-umas-das-maiiores-regioes-de-exploracao-na-terra-yanomami.ghtml>

<sup>7</sup> <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2023/07/28/garimpeiros-atacam-a-tiros-militares-das-forcas-armadas-na-terra-indigena-yanomami.ghtml>



Figura 1 - Imagem Planet de julho de 2023, pista clandestina no Alto Catrimani.



Mapa 2 - Garimpo de Shimada Ocho, próximo a Auaris, em novembro de 2023.



Na bacia do rio Mucajaí, com a manutenção da Base de Proteção, a exploração se manteve bastante dependente do modal aéreo, e embora existiam inúmeros pistas, principalmente ao longo do rio Couto Magalhães, a pista do Rangel<sup>8</sup> tem concentrado a maior parte das movimentações, o que sugere que este deveria ser um local estratégico para uma ocupação permanente do Estado.

Ao longo do segundo semestre, a Hutukara recebeu diversas denúncias sobre a movimentação de garimpeiros nessa zona. E, embora a associação tenha chamado a atenção para a necessidade de se reocupar rapidamente o posto de saúde do Kayanau com apoio de forças de segurança, com a morosidade da resposta do Estado, a estrutura do posto foi incendiada após um conflito local.

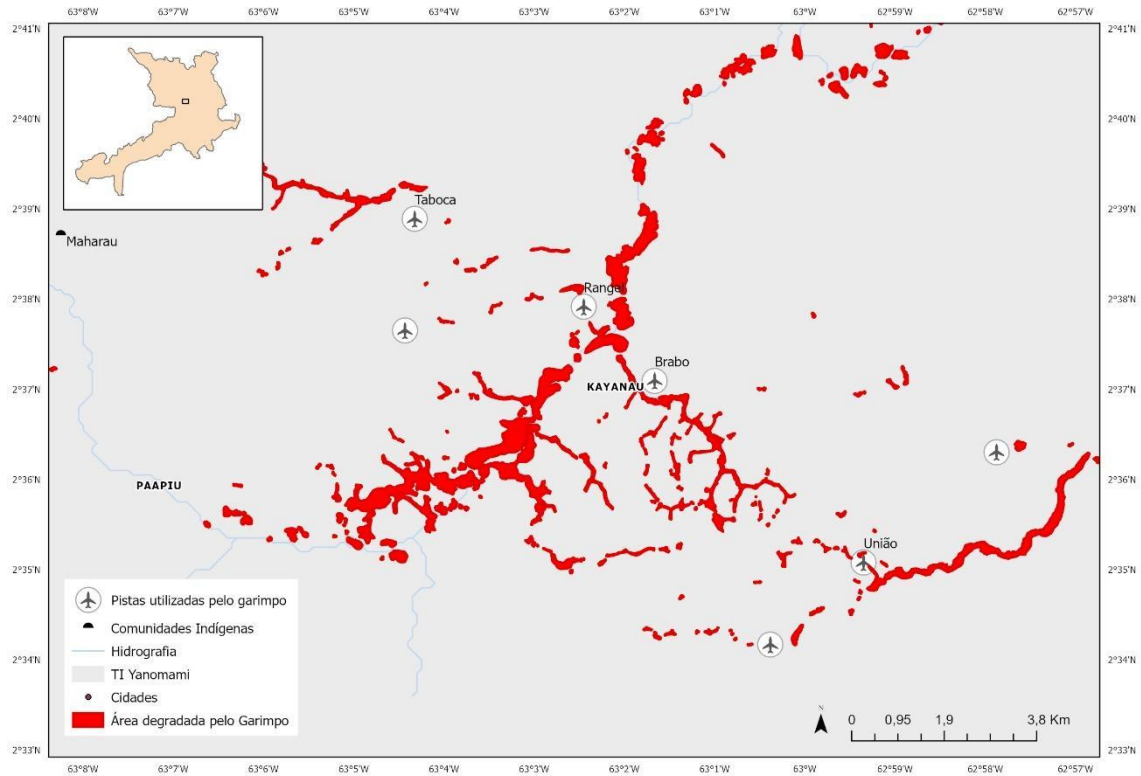
É importante registrar, também, que, no rio Mucajaí, embora a Base tenha tido uma importante função de inibir o assédio dos garimpeiros, há relatos, em 2023, de que certa movimentação em favor do garimpo logrou “furar” o bloqueio (algumas vezes através de varadouros que contornam a Base). Inclusive, o episódio que culminou na morte de dois Ninam da comunidade Uxiu<sup>9</sup>, depois de uma emboscada de garimpeiros, é um exemplo disso. Na ocasião (em abril), os garimpeiros embarcaram no porto do Sítio 14 – notório ponto logístico do garimpo no Mucajaí – e cruzaram a Base de Proteção da Funai Walopali sem serem interceptados pelas forças de segurança da região.

Essas ocorrências reforçam, portanto, a necessidade de se manter um trabalho de patrulhamento regular nos rios, além da manutenção das Bases.

---

<sup>8</sup> A pista do Rangel foi inutilizada pelo Exército no segundo semestre, mas como os garimpeiros da região não haviam sido retirados, eles voltaram ao local e recuperaram a pista. Esse episódio demonstra que a destruição das pistas deve ser realizada, somente após a retirada dos garimpeiros do local, o que exige a permanência das forças de segurança e a realização de patrulhas regulares durante o período de ocupação.

<sup>9</sup> <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2023/08/20/indigena-ferido-em-ataque-de-garimpeiros-a-comunidade-na-terra-yanomami-morre-apos-quatros-meses-internado.ghtml>



Mapa 3 – Garimpo no rio Couto Magalhães e pistas de pouso.

Finalmente, no rio Uraricoera, os relatos indicam uma intensificação no trânsito de garimpeiros no rio, com o afrouxamento das operações no segundo semestre. Da mesma forma, os indígenas denunciaram a reativação de algumas pistas de pouso (Mucuí e Espadinha), depois que muitas delas foram neutralizadas no primeiro semestre de 2023.

Segundo os relatos, há uma média de 3 aeronaves por dia com destino à Pista do Mucuí. O primeiro avião costuma pousar às 06h00min, como forma de se esquivar de eventual fiscalização.





Mapa 4 – “Pista do Mucum” em agosto de 2023 (direita) versus outubro de 2023 (esquerda), na comparação via satélite nota-se clara recuperação da pista

Em entrevista, as pessoas da região atribuem a rápida reestruturação do garimpo no Uraricoera às débeis e descontinuadas operações de extrusão, que deveriam ter ocorrido com maior força e frequência.

De tal modo, a barreira improvisada na altura da região do Palimiu também não tem sido eficaz para controlar o acesso de invasores ao território. De acordo, com as lideranças locais, diariamente, antes de amanhecer (entre 4h30min e 6h00min) a comunidade é acordada pelo barulho dos motores de alta potência transitando pelo rio, furando o “bloqueio”. O que demonstra que o bloqueio não possui equipes sentinelas em caráter permanente, e a equipe instalada no local não tem realizado abordagens de maneira compulsória.

A base de proteção que deveria estar instalada e em pleno funcionamento naquele local (Pakilapi), não foi implantada, em manifesto descumprimento à determinação judicial da Justiça Federal de Roraima<sup>10</sup>.

Durante uma visita da Hutukara ao local, em novembro, observou-se que, além do efetivo do Exército Brasileiro que contava com aproximadamente 15 pessoas – efetivo reduzido em pelo menos 70% (tendo em vista que este bloqueio já contou com pelo menos 50 militares), ocupavam a base da Funai no local: 04 agentes da Força Nacional de Segurança, com a prerrogativa de fazer a segurança das equipes de saúde; 02 agentes da Polícia Federal, atuando como polícia judiciária no encaminhamento de pessoas detidas pela fiscalização; 04 servidores da Funai, tratando-se de dois agentes e dois cozinheiros/serventes; e nenhum servidor do

<sup>10</sup> A Justiça Federal determinou em Ação Civil Pública proposta pelo Ministério Público Federal em novembro de 2018 a implantação de três bases de proteção da Funai: Walopali, anteriormente conhecida como Demarcação em Mucajaí, Serra da Estrutura, no centro-leste da TI; e Korekorema (Pakilapi), a ser implantada no médio curso do rio Uraricoera. A falta de cumprimento à decisão, segundo argumenta a Funai, seria a impossibilidade de construção e atuação dos órgãos indigenistas, sem as forças de segurança realizando patrulhamento ostensivo da área.

Ibama. Cerca de uma semana depois, os Yanomami relatam que todos os militares saíram do posto. A informação foi posteriormente confirmada pelo Ibama em reunião com MPF pela total retirada das Forças Armadas e as estruturas por eles instaladas (como o plotter, tanque de combustível crucial para logística de operação de qualquer operação de extrusão de garimpeiros).

A Imagem 2 mostra a situação do “bloqueio” improvisado, em novembro de 2023. Segundo os indígenas da região, o aspecto precário do bloqueio é percebido pelos criminosos como um sinal do baixo empenho do Estado em resolver a situação, o que sustenta o sentimento de que as ações de retirada dos invasores e a ocupação da região pelo Estado é transitória.



Figura 2 – “Bloqueio” estático improvisado no rio Uraricoera em novembro de 2023. Crédito: Marcelo Moura

Os depoimentos coletados no Palimiú e ao longo da calha do Uraricoera, denotam ainda um sentimento de medo e terror permanente entre as famílias. O simples barulho dos motores dos barcos em passagem engatilha o trauma coletivo dos ataques de 2021 – quando durante quase seis meses, famílias indígenas sofreram uma série de ataques perpetrados por garimpeiros ligados ao crime organizado<sup>11</sup>.

Assim expressou um morador da região:

<sup>11</sup> <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/05/20/garimpeiros-tentam-invadir-comunidade-na-terra-yanomami-em-10o-dia-de-ataques-dizem-indigenas.ghtml>



“Eu sou do Walomapi. Nós estamos dormindo mal com muito medo na nossa comunidade. Tenho muito medo. Eles passam, depois de uma semana eu já esqueci um pouco, mas eles passam de novo e todos nós sentimos medo. Meus filhos estão com medo. Eles atrapalham nosso sono, tenho medo de que eles venham atirar na gente, por isso eu não durmo direito. Nós vivemos bem na beira do rio, por isso quando eles passam eu fico com muito medo. Quero poder dormir com silêncio. Aqui no “centro” eles também não dormem bem. Vocês viram? Hoje passaram 5 barcos de manhã. Nós queremos que vocês tragam o silêncio de volta pra nossa floresta.”

Até o momento, o governo ainda não apresentou um novo plano para a extrusão dos garimpeiros da TIY. O plano inicialmente apresentado pelo governo atual levaria apenas 9 meses para retirada total (Fase 01 – 90 dias; Fase 2 – 180 dias), e, infelizmente, não logrou sucesso.

### **O garimpo como fator de desestabilização do serviço de saúde na TIY**

Como se sabe, o modelo de atenção à saúde na TI Yanomami foi estruturado para que, além da presença permanente de funcionários nas unidades básicas, fossem realizadas também visitas periódicas e frequentes às comunidades. Entretanto, a persistência de núcleos de exploração do garimpo no território impede a retomada das ações de promoção e prevenção em saúde em muitas das comunidades mais vulneráveis.

Devido ao clima de insegurança e conflito nessas zonas, os profissionais de saúde têm evitado realizar visitas em muitas aldeias, com sérias implicações para a realização de ações fundamentais de atenção básica, como vacinação, busca ativa de malária, pré-natal, etc.

Foi exatamente esse mecanismo que ajudou a produzir a crise, que atingiu seu ápice em 2022.

Em 2023, já no cenário da declaração da Emergência, a manutenção de altas taxas de mortalidade por doenças do aparelho respiratório, que vitimou, em 2023, pelo menos, 66 pessoas na TI Yanomami, é uns dos maiores exemplos da correlação entre manutenção do garimpo e desassistência.

Quadro 1 – Perfil dos óbitos em 2023<sup>12</sup>

Causa básica por categoria (CID-BR)	Quantidade	Percentual
Doenças infecciosas e parasitárias	63	21%
Neoplasias	5	2%
Doenças do sangue e dos órgãos hematopoiéticos e alguns transtornos imunitários	2	1%
Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas	35	11%
Doenças do sistema nervoso	2	1%
Doenças do aparelho circulatório	5	2%
Doenças do aparelho respiratório	66	21%
Doenças do aparelho digestivo	6	2%
Doenças da pele e do tecido subcutâneo	1	0%
Doenças do aparelho geniturinário	3	1%
Gravidez, parto e puerpério	4	1%
Algumas afecções originadas no período perinatal	13	4%
Malformações congênitas, deformidades e anomalias cromossômicas	1	0%
Sintomas, sinais e achados anormais de exames clínicos e de laboratório não classificados em outra parte	25	8%
Causas externas	72	23%
Não Classificados	4	1%

Fonte: SIASI/SESAI/MS

Dentre outros fatores, a baixa resistência imunológica da população Yanomami aos patógenos respiratórios faz com que essas infecções atinjam um alto percentual da população, acarretando intensa debilidade física, comprometendo de forma expressiva suas atividades de subsistência. Devido à falta de cuidados de atenção básica, é comum que quadros gripais evoluam para pneumonia, frequentemente letais.

Entre as medidas fundamentais para o enfrentamento dessa situação no contexto Yanomami, deveriam constar: a) a garantia de visita regulares às aldeias, com a frequência de pelo menos uma vez a cada mês.; b) a ampliação da cobertura vacinal em crianças menores de 1 ano, e de 1 a 4 anos; c) a disponibilização de concentradores de oxigênio e nebulizadores nas Unidades Básicas de Saúde Indígena - UBSIs; d) a disponibilização de kits de higiene para os pacientes; e) o reforço da Vigilância Nutricional, para reduzir a mortalidade infantil<sup>13</sup>; entre outras medidas de prevenção.

<sup>12</sup> Os dados discriminados que foram utilizados para compor este quadro continham informações apenas sobre 307 óbitos.

<sup>13</sup> Crianças com desnutrição são 9 vezes mais propensas a morrer de doenças como pneumonia e diarreia.

Entretanto, os dados do Distrito Sanitário revelam que o Estado ainda não conseguiu implementar medidas semelhantes na escala necessária, devido à baixa mobilidade no território, em muitos casos, produzida pela permanência do garimpo.

Os dados sobre a cobertura vacinal, por exemplo, indicam que entre crianças de até um ano, na grande maioria dos polos (vinte e nove), menos da metade das crianças recebeu todas as vacinas, e na faixa de 1 a 4 anos, quatorze polos tiveram menos da metade das crianças totalmente vacinadas.

No Xitei, uma região que possui uma população total de mais de 2 mil pessoas, a vacinação abrangeu apenas 1,8% das crianças de até 1 ano, e 4,2% das crianças de 1 a 4 anos. Nesta região, por sua vez, sabe-se que a equipe de profissionais de saúde, além de ser pouco numerosa, está impedida de realizar as visitas às casas-coletivas, por que o garimpo persiste no local, com inúmeros episódios de violência e ameaças. Ali, pelo menos doze crianças menores de cinco anos vieram a óbito em 2023, sendo cinco por pneumonia.

Em um dos alertas recebidos, os indígenas do Xitei, denunciam a presença de “seguranças” do garimpo, e a existência de um conflito aberto entre diferentes grupos de garimpeiros, colocando as comunidades em situação de fogo cruzado<sup>14</sup>.

A entrada ilegal de armas de fogo na região também levou à morte de sete Yanomami somente em 2023. Somando com as mortes de 2022, nota-se claramente que há um verdadeiro “estado de guerra” na região<sup>15</sup>.

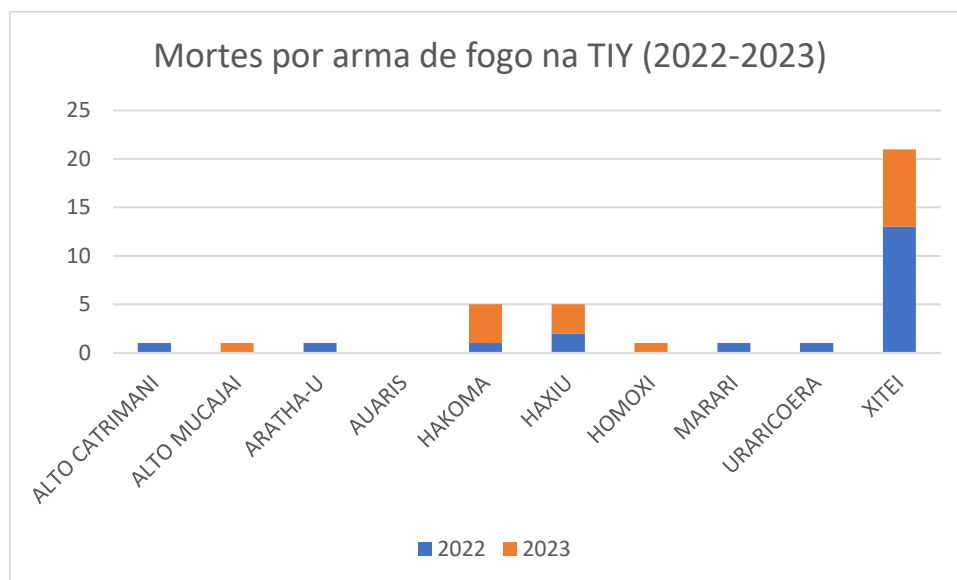


Gráfico 2 – Mortes por arma de fogo (2022-2023). Fonte: SIASI/SESAI/MS

<sup>14</sup> De acordo com os relatos, o conflito teria se iniciado na pista do Pupunha (63,8722091°W 2,5820772°N)

<sup>15</sup> Antevisto pela Hutukara em suas denúncias sobre a entrada ilegal de armas na região, como estratégia de aliciamento por parte dos garimpeiros.

Da mesma forma, a dificuldade de retomar ações preventivas também pode ser verificada nos dados de vigilância alimentar e nutricional. O gráfico abaixo revela que, embora tenha ocorrido um aumento no percentual de crianças de até cinco anos cobertas pela Vigilância Alimentar e Nutricional em relação à 2022 e 2021, em 2023 o Distrito ainda não conseguiu ampliar significativamente a cobertura, no sentido de se aproximar da totalidade das crianças indígena, abrangendo atualmente apenas 84,5% da população alvo.

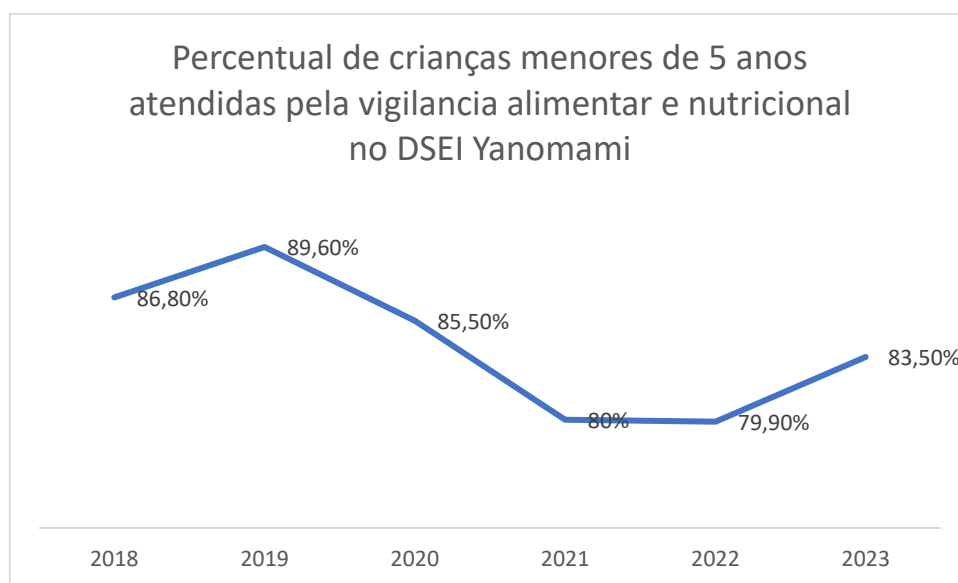


Gráfico3 – Percentual de crianças menores de cinco anos atendidas pelo VAN. Fonte: SIASI/SESAI/MS

A trajetória da malária é outro importante indicador que demonstra a sinergia dos impactos negativos tanto da permanência do garimpo, quanto da manutenção do quadro de desistência à saúde, assim como a interação desses vetores.

No momento de elaboração desta nota, os dados de novembro e dezembro ainda não estavam atualizados, mas o Distrito, ainda assim, já havia registrado mais de 25 mil casos em 2023. Com uma média de quase dois mil casos por mês.

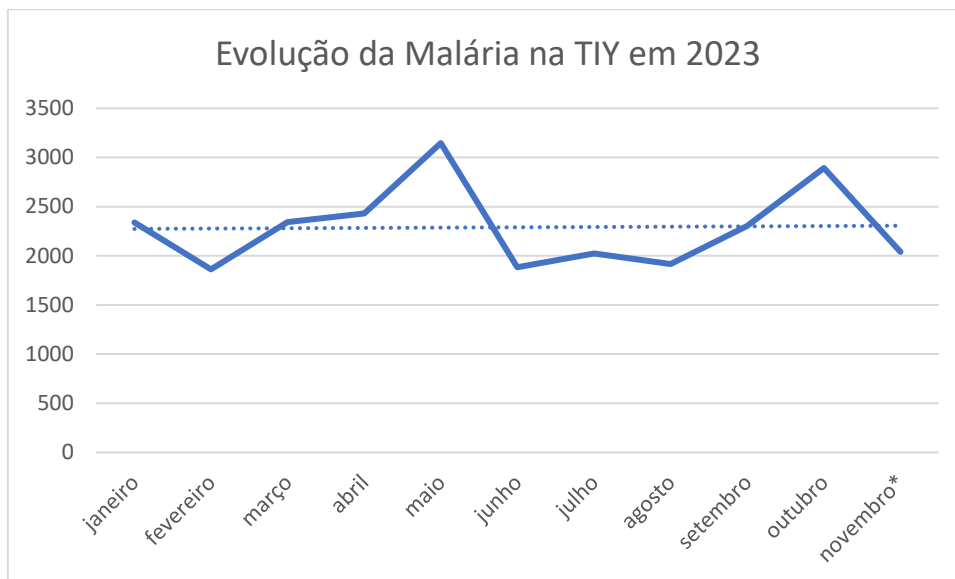


Gráfico 4 – Evolução da Malária na TIY em 2023. Sivep-Malária

Como pode ser observado no gráfico acima, a linha de tendência sugere que apesar das variações mensais, o Distrito não conseguiu alterar a trajetória da doença ao longo do ano.

Relatos de área indicam que o descontrole da malária esteve associado a: i) ausência de ações de controle de vetor nas comunidades; ii) ações de busca ativa insuficientes; iii) problemas de diagnóstico, com ocorrência de muitos falsos negativos; iv) demora no início do tratamento, seja pelo problema de diagnóstico, seja pelo desabastecimento da farmácia; e v) problemas no tratamento supervisionado, sendo que muitos indivíduos interrompem o tratamento antes de concluí-lo. Sugerindo, portanto, a manutenção de um quadro de desassistência com características semelhantes ao padrão adotado no governo anterior.

Em 2023, os dois polos mais afetados pela malária foram Auaris e Palimiu. Juntos, esses polos concentraram 37% de todos os casos da TIY, ou seja, mais de 9 mil casos.

Em ambas as regiões, sabe-se da influência do garimpo como principal vetor da doença. No Palimiu, como descrito acima, parte da dificuldade de se controlar a malária, está associada ao impedimento que as equipes de saúde têm de se deslocar no território e realizar visitas nas aldeias, devido ao controle do rio pelos garimpeiros. Sem um esforço de busca ativa e acompanhamento do tratamento, fica praticamente impossível estabilizar a situação local. Ademais, no Palimiu como no Xitei, a pneumonia também foi a principal causa de morte. E A malária foi responsável por um óbito nesta região.

BOX: Relato de um morador de Korekorema

*Perto da minha comunidade (Korekorema) tem 4 acampamentos dos garimpeiros, eles são muitos, trabalhando com muitas máquinas, já fizeram um buraco muito grande perto da nossa casa. Eles são muitos. O buraco que eles fizeram já está muito fundo. O garimpo é como*

*leishmaniose, se você tira tudo volta a curar, mas se você não usar remédio a doença só aumenta, é assim. Eles se espalham. Como é que nós vamos viver? Acho que todos nós vamos morrer. Não tem nenhuma segurança na nossa comunidade. Estamos sozinhos, vivemos pensando que os garimpeiros vão vir nos atacar. Temos muito medo. Isso não é certo. Eles estão muito perto da nossa casa. Nós não temos como correr para fugir, não temos nosso motor, se eles vierem nos atacar vamos todos morrer. Nós estamos sem comunicação lá, se acontecer alguma coisa como vamos pedir ajuda? Eles já estão acabando com nossa água. Não tem mais peixes. Nós procuramos comida, mas não achamos! Os garimpeiros nos expulsam da nossa própria terra. Eles pensam que nós vamos levar a polícia para lá então eles nos ameaçam. Por isso nós fugimos, nós temos medo. Todas as minhas crianças estão doentes, tem mais de 15 crianças com malária na minha casa. A saúde não faz missão lá, tem mais de um mês que ninguém vai lá fazer atendimento. Queremos que a equipe de saúde fique lá. Nós queremos o exército e a saúde. Se tiver segurança para a saúde eles podem nos curar, mas eles têm medo de ir até lá. Já que não tem polícia os garimpeiros aumentam, nós queremos mostrar onde estão os garimpeiros. Mas a polícia não vai na nossa casa. Como vamos fazer? Estamos sofrendo muito lá. Sem ajuda dos napë. Eles querem nos matar mas a gente ainda está firme, não queremos fugir. Talvez eles vão nos atacar, por isso meus jovens vivem com suas flechas na mão, eles têm medo. Isso tudo é verdade, você tem que levar essas minhas palavras porque são verdade. Nós queremos poder viver tranquilamente, estamos ainda esperando por isso. Será que eles vão nos responder? Vão ouvir nossas palavras? Nós queremos nossa terra livre de garimpeiros. Eu tenho muitos filhos, muitas crianças, por causa delas eu vivo preocupado, por isso eu vim entregar minhas palavras para vocês. Eu vivo ensinando meus filhos a fugirem e se esconderem. Nós não dormimos em paz. Vocês têm que entregar minhas palavras para as autoridades. Tem que mostrar para eles a situação do Korekorema. Nós ouvimos o barulho das máquinas. Eu não aguento mais isso. Se minhas crianças morrerem doentes nós pensamos que vamos ter que brigar com os garimpeiros. Para vingar nossas crianças. É isso que eu vim dizer.*

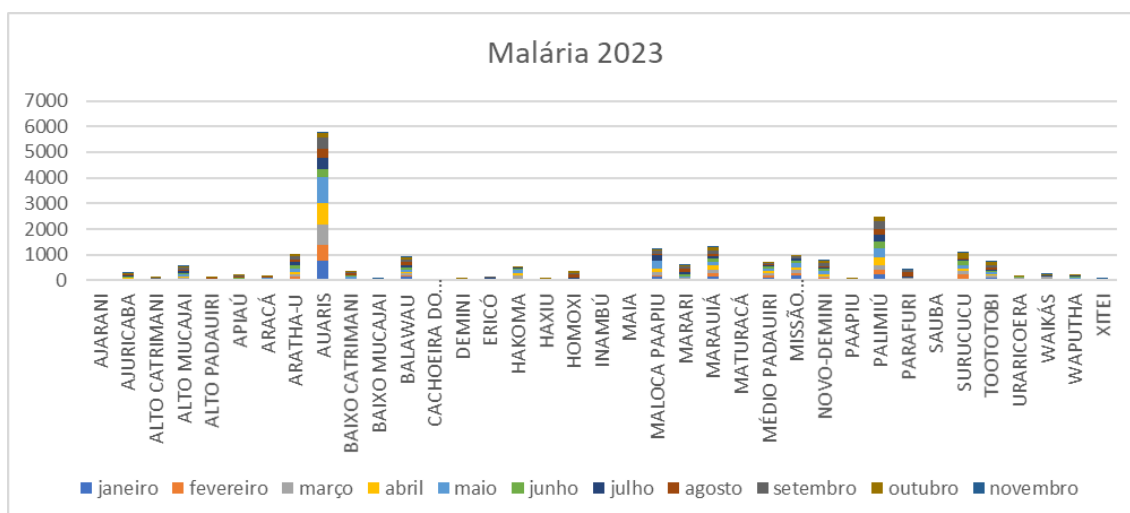


Gráfico 5 – Casos de Malária por polo Base. Fonte: Sivep-Malária

Neste meio tempo, com o agravamento dos quadros de saúde e a manutenção de altas taxas de remoções, os Yanomami continuam bastante vulneráveis durante a sua estadia na Casa de Apoio à Saúde Indígena (ainda superlotada), estando expostos ao risco de novas infecções, patologias





e violências<sup>16</sup>. A falta de estruturação na Saúde Yanomami, com efeito, abre brechas para a utilização do próprio sistema como violador de direitos humanos.

#### BOX: Condenações do Estado Brasileiro

- 1) Ação Civil Pública 1000551-12-2017.4.01.4200: determina a implantação das Bases de Proteção Etnoambiental da Funai em Mucajaí, médio Uraricoera e Serra da Estrutura
- 2) Ação Civil Pública 1001973-17.2020.4.01.4200: determina a extrusão dos garimpeiros ilegais
- 3) Corte Interamericana de Direitos Humanos
  - a. Res Julho de 2022: determina a adoção de medidas para proteção da vida dos Yanomami e Ye'kwana em face de extrema gravidade e urgência, além de perigo de dano irreparável
  - b. Res Dezembro de 2023: determina a continuidade das medidas provisórias em face da violação contínua e ainda existente, após visita no Território Yanomami

#### Conclusão e recomendações

Os dados demonstram que embora o atual governo tenha se mobilizado para combater o garimpo ilegal na TIY em 2023, os esforços foram insuficientes para neutralizar a atividade na sua totalidade. De fato, houve uma importante redução no contingente de invasores, o que pode ser verificada na desaceleração das taxas de aumento de área degradada, mas o que se verificou ao longo de 2023, é que, ainda que em menor escala, o garimpo permanece produzindo efeitos altamente nocivos para o bem-estar da população Yanomami. Além de contribuir para a proliferação de doenças infectocontagiosas e dos impactos ambientais, a presença dos garimpeiros têm efeitos diretos na estabilidade política das regiões e na segurança efetivas das famílias indígenas e dos profissionais de saúde, em muitos casos, inviabilizando a livre circulação das pessoas e a possibilidade da realização de visitas regulares às aldeias.

Obviamente, a manutenção de um alto número de mortes (308 até novembro de 2023), não se explica apenas por esta razão, houve também importantes falhas na execução das ações de saúde, como o baixo investimento nas infraestruturas de saúde no território, o déficit de

---

<sup>16</sup> No último ano ocorreram 3 casos de violência sexual conhecidos na Casai ou em suas imediações, em um deles suas sobreviventes são crianças.



recursos humanos, e equívocos de planejamento, mas os efeitos deletérios do garimpo não podem ser subestimados.

Nesse sentido, considerando a necessidade de se manter uma perspectiva holística para a superação da crise, (re)apresentamos abaixo algumas recomendações importantes para as próximas etapas de enfrentamento da emergência sanitária:

- A retomada urgente de operações de desintrusão de garimpeiros no Território;
- Fortalecer a articulação entre as ações setoriais e planejar o desenvolvimento das ações de maneira integrada, através de uma coordenação operacional e intersetorial da emergência Yanomami;
- Elaboração de um Plano de Proteção Territorial, que considere: a) soluções para reduzir a vulnerabilidade das outras calhas de rio que dão acesso à TIY; b) soluções para o efetivo bloqueio fluvial e controle do espaço aéreo da TIY; c) mecanismos que garantam uma rotina de patrulhamento nos rios, em caráter no mínimo mensal; d) planos de ação regionalizados para regiões sensíveis que combinem em um único cronograma ações de neutralização do garimpo, apoio emergencial, promoção à saúde, reocupação das UBSIs com apoio de forças de segurança, e desenvolvimento de atividades de recuperação socioeconômica das comunidades; e) plano de capacitação de indígenas para o seu envolvimento nas ações de vigilância nas calhas de rio; f) monitoramento remoto contínuo da TIY como respostas rápidas a novos alertas por parte das forças de segurança; g) ações regulares de fiscalização no entorno de pistas de pouso, portos e postos de combustível;
- Desenvolver um plano para estimular o desarmamento voluntário nas regiões sensíveis;
- Apoiar o reassentamento de comunidades afetadas pelo garimpo que manifestam o interesse de mudar-se para um novo local por não ter condições mínimas de permanência, com apoio logístico, ferramentas, infraestrutura para atendimento à saúde e acompanhamento próximo durante sua instalação;
- Promoção de ajustes na resposta à crise sanitária, observando a necessidade de: i) reformas nas estruturas destinadas a atender os Yanomami, bem como nas pistas de pouso que atendem os estabelecimentos de saúde; ii) investimento na mobilidade dos funcionários dentro de território; iii) criação de novas unidades de saúde e que iv) sejam seguidas as recomendações do relatório da Transparência Internacional de forma a garantir o controle social dos orçamentos do DSEI-YY;
- Criação de uma força tarefa para o controle da malária na TIY;
- Ampliação das parcerias e cooperações técnicas com organizações especializadas em saúde que possam subsidiar soluções práticas capazes de responder à crise sanitária na Terra Indígena Yanomami;



## Ficha Técnica

### Realização:

Hutukara Associação Yanomami (HAY)

Associação Wanasseduume Ye'kwana (SEDUUME)

Urihi Associação Yanomami

### Apoio técnico:

Instituto Socioambiental

Greenpeace Brasil

### Pesquisa e organização:

Estêvão Senra